

## RUBEM BRAGA E O “PROGRESSO” DO RIO

Rafaela Godoi Bueno Gimenes  
Mestrado/UFF  
Orientadora: Ângela Maria Dias

Este artigo pretende analisar o modo como a cidade do Rio de Janeiro e seus progressos técnicos e científicos são abordados em crônica de Rubem Braga pós-II Guerra Mundial: “Chauffeurs”, de 20 de agosto de 1946, publicada no *Correio da Manhã*. Tal texto possui como característica primordial a crítica, a denúncia, a queixa, quanto ao transporte urbano.

É significativo esclarecer que Rubem Braga não é nem um pouco retrógrado, um homem contra as inovações humanas; ele, ao contrário, gostaria que essas invenções funcionassem, justamente, direito. É o caso dos telefones, de uma outra crônica, que não exercem suas funções de forma adequada e pelas quais são pagas. Dito isso, Braga, com sua percepção aguçada e observando a sua contemporaneidade, evidenciará falhas, problemas e descontentamentos a respeito da Cidade “Maravilhosa”, que não eram exclusivamente seus, mas de todos os que estavam a sua volta.

A crônica escolhida faz parte do acervo do cronista, cujo acesso está disponível tanto na Internet quanto na Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro), e é inédita em livro. Foi publicada em jornal uma única vez. Isto, de certa forma, confere a ela um *status* de “crônica datada”, crônica que, assim como o jornal, morre passadas as vinte e quatro horas; torna-se “coisa velha”, notícia antiquada. Como ficará assinalado nas análises, essa crônica não teve sua data de validade alcançada, como se supõe; é, ainda hoje, extremamente equeva.

O suporte de referências desta pesquisa, além do papel essencial do acervo da FCRB, concentra-se em críticos e teóricos da crônica e de Rubem Braga: Massaud Moisés, Antonio Candido, Davi Arrigucci Jr., Luiz C. S. Simon, Ana Karla Dubiela, Joaquim Ferreira dos Santos, Marcelo Bulhões, dentre outros.

## Sobre a crônica

Três autores serão indispensáveis para definir melhor a crônica: Massaud Moisés e seu *Dicionário de termos literários*, Afrânio Coutinho e a *Introdução à literatura no Brasil*, e Joaquim Ferreira dos Santos em introdução a sua antologia *As cem melhores crônicas brasileiras*. Primeiramente, é próprio evidenciar que todos eles elucidarão a questão do vocábulo crônica que advém do grego *cronos* e significa tempo; Moisés fará observação válida ao esclarecer que na era cristã “designava uma lista ou relação de acontecimentos, arrumados conforme a sequência linear do tempo” (1974: 132).

Já Ferreira dos Santos, com humor, dirá que esses fatores históricos e tão longínquos do que é a crônica atualmente são irrelevantes, uma definição “aborrecida”, e que a história que verdadeiramente importa começa no século XIX; “foi a partir de janeiro de 1854, quando José de Alencar publicou o primeiro folhetim da série ‘Ao correr da pena’, no *Correio Mercantil*, que o gênero começou a ficar com o jeitão atual” (2007: 14).

À parte esse aspecto, todos concordam que é no século XX, na década de 1930, com as crônicas de Rubem Braga, “escritor que entra para a história literária exclusivamente como cronista” (COUTINHO, 1968: 304), que o gênero elevará seus *status* e prestígio literários. Vale ressaltar a infeliz afirmação de Moisés que julga a crônica como “um produto literário inferior” (1974: 133). Infeliz, porque se restringe à natureza do gênero, limitando-o. É verdade que, por nascer no jornal, veículo que tem morte certa em vinte e quatro horas, a crônica pode possuir uma certa efemeridade. Outros pensadores do tema percebem que aquilo que a qualifica como “menor”, e aí no sentido pejorativo, igual a “inferior”, é exatamente o que lhe engrandece; sua glória é esta: “Informalidade, despojamento, despreensão, humor, irreverência, eis algumas marcas características que buscam levar prazer” (BULHÕES, 2007: 60).

Além disso, assim como o tempo do jornal é o presente, o da crônica não tem como se diferenciar dessa lógica: “O tempo da crônica não deixa de ser, pois, o do próprio cronista” (*Ibidem*: 50). Ao invés de declarar a efemeridade da crônica como algo negativo, e inferiorizá-la, caso comparada ao poema, à novela, ao romance, ao conto, ao teatro etc., Joaquim Ferreira dos Santos declara que essa característica enobrece o gênero, liberta-o. Na introdução de seu livro, reitera que esses textos:

Podiam ser esquecidos no dia seguinte e ninguém ficaria aborrecido com isso. Mas o que fazer se pela qualidade, pelo frescor, pelo tom amigo de conversarem com as gerações seguintes, essas crônicas transcenderam a edição do jornal, continuam atuais e fazendo bonito diante da escrita que evolui? (SANTOS, 2007: 17)

Luiz Simon, em levantamento sobre a quantidade de edições que os livros dos principais cronistas brasileiros atingiram, atenta para este “fenômeno de aceitação popular” (*Ibidem*: 14) que se tornou a crônica. Observe os números de Luiz Fernando Verissimo:

Desde 1973, quando estreou em livro com *O popular* – e de lá para cá já foram lançados mais de 50, o que praticamente perfaz a média impressionante de dois títulos por ano –, o autor consegue transferir seu êxito dos jornais para as estantes de livrarias. Ao longo da carreira, já são 5 milhões de exemplares vendidos, dos quais pelo menos 3 milhões desde 2000. (SIMON, 2011: 31)

Massaud Moisés classifica como um gênero híbrido, por ser de difícil delimitação e por se encontrar entre, mais propriamente, a poesia (lírica) e o conto (1974: 133). Coutinho acerta na terminologia ao firmar a transitoriedade e adaptação da crônica: “Não será antes [a crônica] um gênero anfíbio que tanto pode viver na coluna de um jornal como na página de um livro?” (*apud* SIMON, 2011: 26).

É relevante elencar algumas das características e dos temas comuns à crônica; como temática, roubando palavras de Santos, a mulher, as cidades, os costumes, as relações amorosas, etc. (SANTOS, 2007: 19); os fatos cotidianos, corriqueiros e os miúdos podem ser acrescentados nessa listagem, pois só o cronista é capaz de transformá-los em crônica; e também a mídia, a televisão e a Internet, mais recentemente, e a política. Entretanto, segundo Santos, nunca estes temas, política, economia, etc., são tratados de forma pomposa; o cronista “não discursa”, “não reverbera empáfia de doutor” (*Ibidem*: 15).

O humor pode ser ainda considerado uma característica, que se perpetuou com seu maior representante – Verissimo. A linguagem coloquial, a adoção de “um idioma ora poético, ora jornalístico, ora irônico, ora perplexo, quase sempre bem-humorado” (*Ibidem*: 17). Alguns estudiosos arriscam dizer que é a crônica o gênero mais brasileiro, não existindo um Rubem Braga em nenhum outro lugar; tende-se a concordar:

Realmente, se algo existe em nossa literatura, que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e lingüística, é a crônica. Dificilmente poderá apontar-se coisa parecida, mesmo na literatura portuguesa, a uma crônica de Rubem Braga. (COUTINHO, 1968: 304)

Antonio Candido, autor da introdução, “A vida ao rés-do-chão”, do livro esgotado *A crônica*, mantra dos estudiosos do gênero, alerta para algo que ficou conhecido como a “aclimatação” natural da crônica no Brasil (1992: 15). Ou seja, assim como já foi dito por Coutinho, Candido corrobora a sua singularidade e avalia essa produção de forma favorável; diferentemente de Moisés, Candido declara que a crônica é uma “discreta candidata à perfeição” (*Ibidem*: 14).

A crônica, leve e acessível (*Ibidem*: 19), será malvista nos meios acadêmicos e, mesmo que se diga o contrário, até hoje sua estima ainda não alcançou um grande número de estudos, como é o caso de gêneros canonizados. Para confirmar isso basta acessar o site do Banco de Teses da Capes. Já que se tem por fato que o maior cronista brasileiro é Rubem Braga, soube-se, com espanto, que em todo território nacional foram feitas oito dissertações e apenas sete teses.

Os dados sugerem que mesmo o maior cronista brasileiro, tanto para Antonio Candido quanto para Arrigucci Jr., ainda não possui um número satisfatório de estudos. Não se pode conjecturar que esse esquecimento ou descaso se deva ao fato de ter publicado apenas algumas centenas de crônicas, o que dificultaria múltiplos estudos devido à publicação escassa de material a ser pesquisado.

O fôlego da crônica não é visível na quantidade de páginas que possui, são *duas ou três páginas despreziosas*, roubando o título do livro de Luiz Simon. A crônica é uma obra da vida do cronista que só acaba quando ele morre. Braga deixou muito mais de 15 mil crônicas, sendo que menos de 5% delas foram perenizadas com o livro. Acredita-se, portanto, que nenhuma tese de doutorado daria conta do fôlego de Braga e suas mais de 45 mil páginas.

### **O cronista e seu acervo**

O primeiro contato com o acervo foi motivado pelo temor do esgotamento. Como as publicações de crônicas inéditas de Rubem Braga, após a sua morte, tornaram-

se esparsas, para não dizer escassas, houve um certo receio de ler todas as seleções do cronista e, feito isso, não haver mais nada "novo".

A possibilidade de esbarrar com o nunca antes lido causou fascínio e, desde então, remexer o arquivo, as páginas amareladas, carcomidas por cupins e pelo tempo, exercem comoção. Dentro do acervo, é possível ver as correções, as manias e os vícios linguísticos do autor; de perto, observa-se a organização das pastas, fareja-se as datas e as siglas dos periódicos no canto de cada crônica e a preguiça do cronista ao republicar coisa antiga com título diferente; ali, vira-se Braga do avesso.

Salvo algumas exceções, como as seleções *Um cartão de Paris* (BRAGA, 1997), *Aventuras* (BRAGA, 2002), ambas organizadas por Domício Proença Filho, embora, na última, não haja crônicas inéditas, *Uma fada no front: Rubem Braga em 39* (BRAGA, 1994), realizada por Carlos Reverbel, e, a mais recente, *Retratos parisienses: 31 crônicas* (2013), organizada por Augusto Massi, estudar o acervo de Braga é desvendar um vasto mundo de crônicas que ficou abandonado por causa do descaso de acadêmicos e de leitores.

Segundo informação obtida na Fundação Casa de Rui Barbosa em junho de 2011, o acervo de Braga possui mais de quinze mil textos. Domício Proença Filho, organizador da seleção *Aventuras* (2002), revela, ao elencar as obras do escritor, que em 1936, ano de publicação de seu livro de estreia, *O conde e o passarinho*, Rubem Braga já havia escrito cerca de duas mil crônicas.

Fazendo uma conta hipotética que leva em consideração a primeira crônica de Braga, publicada em agosto de 1928, portanto, oito anos antes de seu primeiro livro, e pensando ainda, com o auxílio de uma regra de três, que a cada oito anos Braga produzia, em média, duas mil crônicas, ofício que exerceu, com menor intensidade, é claro, até o ano de sua morte, 1990, obtém-se o dado aproximado de treze mil e quinhentas crônicas.

Conta hipotética que ratifica não só a imensa produção e dedicação do cronista, como bem faz Antonio Candido ao atribuir a Braga a honra de ser aquele que irá, enfim, afirmar o status literário do gênero, como também valida a informação passada pela FCRB. Dito isso, fica evidente, tendo a somatória das crônicas inéditas publicadas em livro (620), mais um resultado que assusta.

Como se supôs, Braga escreveu aproximadamente treze mil e quinhentas crônicas e apenas 4,592% foram publicadas em livro. É bom observar que se retirou

desta listagem o livro *Melhores contos*, por trabalhar com gênero diverso, *Aventuras e trinta crônicas de Crônicas do Espírito Santo*, pois, assim como as organizações *50, 100 e 200 crônicas escolhidas*, contêm crônicas de livros publicados anteriormente.

Além desse cálculo, foi possível obter uma informação de 1993 do filho de Braga, Roberto Seljan Braga, que consta no final do *Livro de versos* do cronista, dizendo que ele “escreveu mais de 15 mil crônicas para jornal, revista, rádio e televisão. Não mais de mil foram selecionadas pelo autor para publicação em livro” (1997: 49). Como foi verificado, a quantidade de crônicas publicadas é muito inferior a mil.

Na Fundação, onde há o acervo completo de Braga, a responsável pela sua digitalização, Maria de Lourdes Patrini, confirmou, em mesa-redonda na própria FCRB, que o arquivo do autor possui mais de dezoito mil textos, incluindo reportagens, crônicas, artigos e manuscritos. Percebeu-se, desde o primeiro acesso, que muitas são repetidas, constando títulos e/ou trechos modificados. Portanto, permanece, ainda, uma incerteza em relação à totalidade de sua produção literária.

### O “progresso” carioca na década de 40

Há entre a cidade do Rio de Janeiro e a crônica, como gênero literário, uma relação longa, apaixonada, uma relação toda especial. [...] Que a crônica é modalidade de literatura urbana, não resta dúvida, mas no caso brasileiro há esta peculiaridade: é no Rio de Janeiro que o gênero nasceu, cresceu, se fixou. (RESENDE, 2001: 35)

Na história da crônica brasileira, todos concordam que será na segunda capital do Brasil que o gênero tomará “cor local”, ganhando contornos diferentes dos advindos dos europeus. Será no século XIX, com Machado de Assis e José de Alencar e, depois, com João do Rio que novas características serão acrescentadas ao gênero, como a inclusão do humor tão apreciado por cronistas mais recentes como Verissimo, Xico Sá e Antonio Prata.

Ana Karla Dubiela, assim como Beatriz Resende, mas um pouco a contragosto, corrobora essa ligação: “Os jornais cariocas estão em praticamente todos os registros de fundação da crônica brasileira, fazendo com que alguns estudiosos da literatura considerem o gênero um filho legítimo do Rio de Janeiro.” (DUBIELA, 2007: 29).

Rubem Braga, capixaba, apaixonado por sua cidade natal (Cachoeiro de Itapemirim), conhecido também como nômade ou cigano, adotou a cidade do Rio de

Janeiro como sua, nela morrendo; suas cinzas, aliás, foram jogadas no Rio Itapemirim e no mar de Ipanema. Várias de suas crônicas mais conhecidas dizem respeito à atual capital fluminense. Citando apenas algumas, de cor (as três primeiras são crônicas-título de seus livros): “A borboleta amarela”, “Ai de ti, Copacabana”, “A traição das elegantes”, “Quando o Rio não era Rio”, “Os embrulhos do Rio”, etc. Mesmo com um número incontável de textos sobre a Cidade, nada, Maravilhosa, optou-se neste trabalho por trazer material “novo”. A crônica é antiga, mas inédita em livro.

“Chauffeurs”, resumidamente, utilizando como mote uma notícia tirada de um jornal não especificado sobre um acidente cuja vítima possuía um nome similar ao do cronista – causando, assim, uma certeza confusão –, desenrola-se criticando o trânsito urbano e, com maior ênfase, o transporte público. Como o título já adianta, a figura do “chauffeur” de ônibus (palavra francesa popularizada no Brasil que significa “motorista”) terá papel central nesta crônica. O maior argumento do Eu do cronista, a fim de comprovar que o acidentado não lhe diz respeito, é justamente o fato do Eu nunca ter tido carro nenhum: “[...] o acidentado estava ‘no carro de sua propriedade’ e eu sou, hélas, um **conhecido** pedestre” (BRAGA, Anexo 1, grifo nosso).

Logo de início, o velho Braga denuncia a quantidade de veículos particulares presente nas ruas. Afirma surpreso que, se até agora não sofreu “nenhum acidente, foi por uma feliz e extraordinária série de coincidências” (BRAGA, anexo 1), já que, segundo o próprio, a cidade do Rio de Janeiro anda “estrangulada de trânsito e atulhada de carros” (BRAGA, Anexo 1).

Tendo em conta as observações do Eu sobre o Rio pós-Segunda Guerra Mundial, ainda capital do Brasil – um Rio de Janeiro de 1946, portanto, Rio de sessenta e oito anos atrás –, e analisando o Rio do prefeito Eduardo Paes, que propôs mil projetos de melhorias urbanas e de mobilidade e que, por conta dos preparativos para os Grandes Eventos (a Copa Mundial 2014 e as Olimpíadas 2016), transformou a cidade em local inabitável para seus moradores (“Cariocas, evitem o Rio!”), constatou-se, infelizmente, que a Cidade “Maravilhosa” não melhorou da crônica de Braga pra cá, mas que, muito provavelmente, piorou.

Como o Eu de Braga bem salienta, o “remédio, provavelmente, será restringir os direitos dos particulares para permitir o trânsito dos carros de transporte coletivo” (BRAGA, Anexo 1). Rubem Braga sempre foi um homem à frente de seu tempo, defendia a igualdade da mulher antes mesmo do feminismo, a importância de ações

ecológicas, tão em voga nos tempos atuais, e melhorias urbanas, como a discutida na crônica. Que o transporte coletivo deve ser valorizado em detrimento do individual, não há o que questionar, é indubitável. Entretanto, esse remédio não é engolido, ou melhor, aceito até hoje. O Rio permanece como uma cidade que prefere o privado (carro) ao público (trens, metrô, ônibus, BRT's). Isto acaba gerando dados, testados diariamente pelo povo, nada aprazíveis.

Esta preferência pelo particular confere ao homem comum, que depende do transporte coletivo para viver, uma péssima qualidade de vida. Em pesquisa recente do IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, confirmou-se que o trabalhador leva, em média, “quarenta e três minutos para chegar até o trabalho, sem contar a volta” (IPEA).

São Paulo e Rio de Janeiro, nessa mesma pesquisa, ocupam, respectivamente, os segundo e terceiro lugares no quadro mundial, ficando, apenas, atrás de Xangai. Isto significa que chegar ao trabalho nas regiões metropolitanas citadas custa mais tempo do que em Londres, Nova York, Tóquio, Paris, Santiago, etc. Ir ao trabalho é tarefa mais demorada e cansativa para os trabalhadores de Rio e São Paulo do que, praticamente, em quase todo o mundo. Vale ainda ressaltar que, dentre as 20 cidades testadas, 10 são brasileiras. Parece que temos um problema... E um problema antigo!

Uma matéria da revista *Veja*, de 2012, informa que, na metrópole paulistana, um terço da população (quase seis milhões e oitocentas e cinquenta mil pessoas) leva mais de uma hora no trânsito intransitável para chegar ao trabalho. Na Grande Rio, um quarto, ou seja, aproximadamente três milhões e vinte mil pessoas. A culpa disso, segundo a revista, é o excesso de carros privados cotidianamente nas ruas. Apesar de ter o rodízio implantado em São Paulo em 1997, como Braga sugere que se faça no Rio em crônica de 1946 (embora a sugestão de Braga seja ainda mais revolucionária), os megacongestionamentos persistem. Enquanto não houver uma valoração adequada do homem comum, como faz Braga ao centralizar a figura de um motorista de ônibus, a Cidade “Maravilhosa” continuará, nas palavras do cronista, “louca”.

Voltando à crônica propriamente dita, o Eu de Rubem Braga aponta diversas características do trânsito àquela época e que permanecem nas ruas do Rio hodiernamente: “A certas horas, em alguns lugares de passagem forçada, ninguém consegue se mover. É preciso esperar, e muitos esperam buzinando, o que não remedia coisa alguma e agrava o estado de nervos geral.” (BRAGA, Anexo 1). Irônico pensar



que esse, mau, hábito continua firme e forte e, talvez, até mesmo, mais acentuado do que antes. Afinal, o sinal mal abre e as buzinas principiam. Outro costume que só pessoas que utilizam com frequência o transporte coletivo carioca reconhece:

O chauffeur aperreado pelo horário e fustigado pelos nervos pisa como um louco e faz curvas alucinadas com seus carros pesadões. Os passageiros vão “quicando” nos assentos, são arremessados para frente nos breques súbitos e arriscam a vida por conta dos aborrecimentos particulares do motorista – o que, afinal, não é justo. (BRAGA, Anexo 1)

Ainda no que se refere ao motorista de lotação, o Eu acrescenta: “o chauffeur de ônibus pela volta da meia-noite, em rua deserta, que não para o carro para apanhar passageiro. [...] ele se vinga, em cima daquele desconhecido, de seus problemas” (BRAGA, Anexo 1). Há também outro hábito não existente em São Paulo nem em qualquer outra grande cidade brasileira: o chauffeur do Rio que estaciona o ônibus em plena rua para ir buscar um suco. Isto não consta na crônica de Braga, mas adiciona mais uma peculiaridade do Rio à mobilidade urbana. E como se enraivecer diante de tamanha informalidade? Num calor desolador de sensação térmica ultrapassando os cinquenta graus, como não compreender e não se solidarizar? Faz parte do cotidiano carioca essas manias nada convencionais.

O velho Braga finaliza a crônica deixando explícita sua preferência pelo homem comum, ao retratá-lo, apropriando-se de fatos rotineiros registrados aqui e ali, dando forma à crônica, em defesa, inclusive, do próprio chauffeur. Ao fim, Braga retira a sua culpa por eventuais “deslizes”:

Proponho que uma comissão de psiquiatras examine os chauffeurs de ônibus do Rio e afaste de serviço os que forem neuropatas. Mas creio que um aumento de salário e uma diminuição de horário, com melhoria das condições de serviço, seria providência mais salutar. Para os motoristas – e para o público também, sobre o qual se descarrega tudo o que há de errado e ruim nesta cidade louca. (BRAGA, Anexo 1)

## Epílogo

Rubem Braga, que tem como projeto de vida e de literatura a simplicidade (DUBIELA, 2007: 43), sendo um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro

(PSB), sempre, independentemente de vínculo com partidos e coligações, demonstrou suas ideologias de esquerda publicamente (DUBIELA, 2007: 53). Não é à-toa que, preso pela primeira vez aos 19 anos, tendo, no currículo, mais outras três prisões (*Ibidem*: 7), o cronista foi perseguido no Estado Novo e na Ditadura. Sua escrita nunca se calou perante o que julgava errôneo e ele acabou pagando caro por isso.

Tal histórico de lutas e de prisões, além das análises da crônica deste artigo e da leitura de tantas outras crônicas do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, confere autonomia quando a pesquisadora não concorda com a asserção de Antonio Candido: “São raros os momentos da crônica como militância” (1992: 20). A obra publicada em livro e a obra do refugio reiteram o olhar de Braga sobre os humildes. Davi Arrigucci Jr. corrobora ao sustentar que:

Há de fato uma constante aproximação, nas histórias do velho Braga, às formas da vida e do trabalho simples, aos objetos esquecidos, às coisas antigas, aos entes da natureza, aos seres e às coisas humildes em geral. À vista deles, o cronista parece apurar seu senso do desvanecimento de tudo: torna-se particularmente sensível à fugacidade irremissível do mais frágil, que, quase sempre, é também o mais pobre. E justamente as coisas mais humildes são as que têm sempre, para ele, uma história que vale a pena contar. (ARRIGUCCI Jr., 2010: 25)

É significativo ainda frisar que, apesar dessa crônica ter sido publicada em jornal uma única vez e nunca ter figurado nas páginas de uma publicação em livro – que lhe outorgaria a perenidade literária –, “Chauffeurs” é tão literária quanto qualquer uma das *200 crônicas escolhidas* do autor. Como foi possível demonstrar nas análises, o fato de ela ter sido publicada em 20 de agosto de 1946, no jornal *Correio da Manhã*, e nunca mais, não a qualifica como uma crônica datada, isto é, sem correspondência ou valor nos dias atuais; crônica factual que se contrapõe às crônicas atemporais do livro.

Esta tendência dos teóricos da crônica de afastá-la do tempo, para garantia de literariedade, e do vínculo com o veículo que a originou, o jornal, vai contra a própria terminologia da palavra. Uma crônica literária não precisa obrigatoriamente se ver livre de aspectos temporais. A análise reitera que uma crônica em sincronia com sua época não deixa de ser atual mesmo mais de meio século depois. “Chauffeurs” não virou embrulho pra peixe nem tapete pra gordura de fogão. Crônicas levianamente taxadas de “datadas” também são literatura – e boa literatura.

## Referências

ARRIGUCCI Jr., Davi. “Braga de novo por aqui”. In: \_\_\_\_\_. BRAGA, Rubem. *Melhores contos* (Seleção Davi Arrigucci Jr.). 12.ed. São Paulo: Global, 2010.

BRAGA, Rubem. “Chauffeurs”. *Acervo de Rubem Braga da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Disponível também em: <<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>>. Último acesso em: 3 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Livro de versos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. “Os telefones”. *Acervo de Rubem Braga da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Disponível também em: <<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>>. Último acesso em: 3 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. “Queixas”. *Acervo de Rubem Braga da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Disponível também em: <<http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>>. Último acesso em: 3 mar. 2014.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica. o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro (RJ): Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992 A.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968. p. 304-6.

DUBIELA, Ana Karla. *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos: uma leitura da crítica social em Rubem Braga*. Vitória: EDUFES, 2007.

IPEA. “Ricos e pobres perdem cada vez mais tempo no trânsito”. Acesso em: 4 mar. 2014. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17212](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=17212)>.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Cultrix, 2004.

RESENDE, Beatriz. “Rio de Janeiro, cidade da crônica”. \_\_\_\_\_. (Org.). *Cronistas do Rio*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

*Revista VEJA*. “Um terço dos paulistanos gasta mais de 1h até o trabalho”. Acesso em: 4 mar. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/um-terco-dos-paulistanos-gasta-mais-de-1h-ate-o-trabalho>>.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SIMON, Luiz Carlos Santos. *Duas ou três páginas despretensiosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: EDUEL, 2011.